

NÃO À MINA



MINHO - BARROSO - PORTO

ENTREVISTA DE ACTIVISTAS DE GRUPOS

CONTRA A MINERAÇÃO com ALEXANDER DUNLAP

DEZEMBRO 2020

I

Sabendo que uma estratégia de mineração a céu aberto já está preparada e em curso numa grande parte do nosso país, com uma campanha de propaganda que já dura há vários meses, que maneiras temos para lutar com eficiência contra este lobby?

É em última instância um tema com o qual muitas regiões e lugares em todo o mundo terão de confrontar-se e terão de enfrentar no futuro imediato, especialmente com o novo entusiasmo da União Europeia, que vai impondo novas leis sobre as matérias-primas críticas em nome da economia verde e das energias renováveis. O primeiro passo é começar a organizar-se localmente, por todas as vias possíveis. Isto significa trabalhar imediatamente a criar bases, começar campanhas de informação, organizar serões de informação e debate em diferentes centros sociais, em câmaras municipais e outros espaços; criar panfletos, distribuí-los em todas as vilas e lugares possíveis; começar este debate, trazer investigadores que tenham trabalhado mais especificamente com o lítio e outros recursos.

Eles tentarão a exploração mineira desta zona, isto requer que evidenciemos factos sobre o uso da água e a degradação ecológica que tomará lugar. Então, iniciando uma campanha de base, descentralizada mas simultaneamente em rede, destinada a divulgar informação para o exterior. Uma vez mais, sessões informativas públicas, panfletos, autocolantes, posters e envolvimento nas redes sociais, mas o mais importante, assegurar que existe um tipo de presença material nas ruas e criar espaços para falar destas coisas.

Recomendo não depositar esperança em diferentes líderes ou organizações, mas fazer o apelo e tentar com estas uma organização descentralizada, para difundir a luta e acções da forma o mais vasta possível.



*Passeio de reconhecimento de grupos ambientalistas galegos e minhotos na Serra d'Arga.
(Agosto 2020)*

II

Os interesses político-partidários acabam sempre por minar qualquer movimento de contestação, fará sentido apoiar estratégias de resistência que são abertamente anti-políticas? Qual é a sua experiência neste assunto?

Na minha experiência os partidos políticos sempre foram um grande problema e um sério risco. Interessam-se por diferentes causas para ganhar poder político e frequentemente acabam por trair ou usar esse poder para negociar melhores posições, mais dinheiro, ou mais recursos. Parece-me que aqui estais bem a par disso. Então, penso que é importante ser sempre extremamente céptico e crítico, mantendo um olho bem aberto sobre os partidos e políticos em geral. Há sempre a preocupação da recuperação e os partidos políticos tentam minar a energia e o poder de diferentes tipos de mobilizações sociais. Isto significa que abordagens descentralizadas, centradas em promover acções autónomas, devem ser priorizadas, usando uma rede geral para promover vários tipos de acções e eventos.

Penso que se queremos vencer estes projectos precisamos de toda a gente, e a ideia de ter poder centralizado ou concentrado é um risco. Criar líderes em geral, ou até porta-vozes, pode criar grandes problemas ou vulnerabilidades, permitindo uma porta de entrada para a divisão de movimentos, servindo como mecanismo para tentar controlar os diferentes movimentos e tensões políticas.

Penso que são os políticos quem devem provar sistemática e constantemente aos movimentos, e à luta contra as minas. Então dialoguem, não é preciso ser necessariamente anti-político em toda a extensão, mas sempre com pouca confiança e sempre seguros de que estes estão realmente a trabalhar para o movimento e não que o movimento esteja a trabalhar para eles; que se pronunciem activamente contra o projecto de mineração e que seja dado realmente espaço à luta social.

III

Não pensas que pedir apoio às forças políticas locais é limitado quando podemos exigir, através de uma espécie de acordo de honra da parte dos presidentes da câmara para com a população e os movimentos, um apoio com meios para uma luta efectiva e coordenada entre as municipalidades?

Penso que seria mais acertado pensar como seremos capazes de reaver o que é nosso por direito. Obviamente que cada um pode pedir, mas isso acaba por prometer apenas uma espera: pelos políticos e pela representação, fazendo estes o trabalho por ti. Realmente penso que a ideia é descobrir maneiras de organizar as gentes locais, criar pressão e fazer o possível para tomar esses espaços e romper com este modelo representativo e mediador da democracia, que é no final de contas muito eficiente em organizar a condescendência e a pacificação das pessoas. Então penso que a ideia é realmente questionar como podemos tomar de volta esses espaços de decisão. Como as pessoas se podem organizar sem serem mediadas.

Embora simpatize com as diferentes posições anarquistas e autónomas em excluir partidos e recusar qualquer envolvimento dos políticos, às vezes é preciso mais do que isso para encontrar a gente que pode ainda ter alguma forma de conexão e preocupação com o ambiente. Às vezes há pessoas nos partidos políticos que demonstram o seu apoio e a sua real preocupação, com as quais devemos trabalhar.

Mas repetindo, as armadilhas políticas e a ciência política de tentar controlar as populações e dividir os movimentos é bastante séria. Dediquei parte do meu trabalho à contra-insurgência, a tentar perceber como os diferentes tipos de armadilhas políticas têm dividido os movimentos. Armadilhas que funcionam, se a gente não estiver preparada e não as puder antecipar.



*Caminhada contra as minas entre o mosteiro de s. João d'Arga e a aldeia de Dem
(Setembro 2020)*

IV

Como vê a aceleração do processo de digitalização no contexto do coronavirus, e como podemos nós dismantlar a legitimização crescente da tecno-ciência?

O Coronavirus tem sido extremamente eficiente em instalar o medo e acelerar o processo de digitalização. A regulação e medidas governamentais têm sido capazes de reconfigurar ainda mais a vida em estruturas digitalizadas e mediatizadas, o que é extremamente preocupante.

É uma distopia, em termos do que aconteceu e do que já passamos. É óbvio de muitas maneiras, mas o que é assustador é como o coronavirus dividiu tanta gente. Muitas pessoas em movimentos autónomos e anarquistas, assim como pessoas que estão em conflito com o sistema, lutando contra empresas mineiras, estado, polícia - foram agora efectivamente separadas de maneiras que muitos não esperávamos, e estão a aderir ao regulamento governamental com o medo do que o Coronavirus está ou pode fazer. Foi criada uma situação mental em que as pessoas têm medo de se abraçar, de falar umas com as outras...

Com as tecnologias houve uma espécie de golpe de estado das relações sociais, que é reforçado através das tecnologias digitais. Isto é triste... e como resistir a isto, como desconstruir, é difícil... Eu penso que começa com reconhecer o problema, e fazer tudo o possível contra o medo, criando estratégias de saúde e confiança onde as pessoas sabem e sentem que podem estar bem. Isto está por detrás do debate sobre a mineração. A ideologia do progresso tecnológico e científico que dizem que estar a salvar o mundo e a criar novos medicamentos, impulsiona tanto a mineração como o controlo social e os regimes de saúde.

Esforço-me para tentar saber como confrontar ou parar isto. Como resistir à mediatização da vida através da infraestrutura digital. Os locais de trabalho são centrais ao reforço destas ideologias. No ponto em que estamos penso que é sobre como criar estratégias para enfraquecer estas narrativas e organizarmo-nos contra elas, impedir o alastrar do medo dentro de nós e no sítio onde vivemos.



Graffiti frente à Agência de Protecção do Ambiente de Viana do Castelo, aquando da visita anulada de João Galamba e da manifestação contra as minas (14 de Fevereiro 2020)

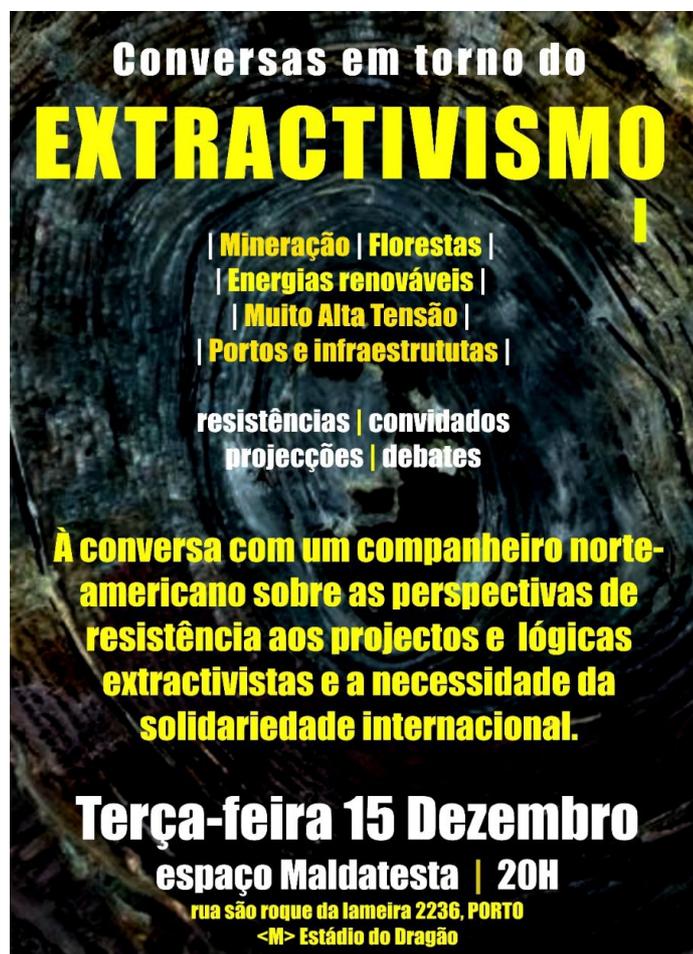
V

Sabemos que estas lutas são complicadas e sobretudo sem ganhos monetários, equilibrando-as com a vida profissional e pessoal. Como conseguir mais gente para a linha de frente?

Esse é um questionamento e um esforço intemporal. Penso que em grande parte é preciso realmente tentar, - isto pode soar abstracto e um bocado cliché - mas é preciso realmente começar a organizar espaços de fruição, porque estes podem ser perdidos no meio da burocracia (do movimento), na repressão, nos conflitos internos com amigos e muitas outras coisas que podem ser alimentadas pelo ego. Isto significa também ter muita paciência e aprendizagem.

Tudo depende do contexto, mas vamos supor que estás a tentar organizar-te numa pequena localidade. Isto significa tentar ter mais eventos divertidos, organizar encontros comunitários locais onde as pessoas convivem e passam informação, organizar momentos alegres, agradáveis e interessantes. Expandir a imaginação com formas de organização, criar relações comunitárias, conhecermos-nos, e realmente trabalhar para expandir a imaginação sobre como participar em estratégias subversivas que aumentem a consciencialização em diferentes lugares. Eventos de teatro, conversas, convidar gente para um convívio, para falar, fazer eventos musicais, encontros, isto completa-se com as manifestações ou acções na natureza, como trilhos pedestres, e muitas outras coisas...

Há imensos projectos de graffiti ou de arte em geral que podem ter um papel importante para cativar as pessoas. Também a informação, mas penso que a ideia é tentar manter as coisas divertidas, ter relações sociais simpáticas, ter algo mais que apenas informação ou activismo, mas também um suporte comunitário. É aprendendo a disfrutar e passar essa mensagem na acção directa contra a mineração, que pode ser muito stressante... Então, como fazer isto de uma maneira divertida, como criar espaços de cuidados, como aprendermos uns com os outros, como aprendermos a conhecer-nos mutuamente. Há muitas maneiras de organizar e intervir, mas penso que a parte mais importante é encontrar pelo menos uma, duas ou três pessoas próximas com quem se tem um nível relativo de confiança, e a partir daí começar a pensar em planos de como irás divertir-te nos fins-de-semana... e incluir outras pessoas, e aí levantar questões pertinentes, e a partir disso agir, individualmente, em grupo, ou ambos...



Conversas em torno do
EXTRACTIVISMO

| **Mineração** | **Florestas** |
| **Energias renováveis** |
| **Muito Alta Tensão** |
| **Portos e infraestruturas** |

resistências | **convidados**
projeções | **debates**

À conversa com um companheiro norte-americano sobre as perspectivas de resistência aos projectos e lógicas extractivistas e a necessidade da solidariedade internacional.

Terça-feira 15 Dezembro
espaço Maldatesta | 20H
rua são roque da lameira 2236, PORTO
<M> Estádio do Dragão

VI

Como melhor podemos manter o nosso momentum (impulso, força na luta), depois de meses ou até anos de resistência, quando o cansaço se instala e as pequenas diferenças de opinião entre activistas tornam-se fracturas entre os movimentos?

Não é fácil... mas é sempre sobre como cada um pode ter equilíbrio na vida... E no seu activismo... Talvez pareça um pouco filosófico, mas os sistemas industriais são realmente desenhados para fazer de nós engrenagens, para nos especializarmos de maneira a que estejamos completamente focados numa coisa, e penso que isto significa que ficamos um pouco obsessivos, fica marcado na nossa identidade e penso que inflama o ego, o que pode levar a conflitos internos, ao mesmo tempo algum conflito interno também é importante. Penso que é verdadeiramente importante fazer um trabalho de base sobre isto. Este tema leva-nos de volta às perguntas sobre os políticos. É importante garantir que tudo é descentralizado, incontrolado no propósito de parar as minas, proteger a água e as árvores... Mesmo a um nível pessoal, a ideia é prevenir os movimentos de sufocar e esgotar as pessoas. As pessoas são puxadas para incontáveis discussões e assembleias, quando realmente a ideia é clara: parar a mina. As pessoas precisam de viver as suas vidas, mas como é possível viver a vida plenamente em resistência? O objectivo é manter-se positivo e apoiar a diversidade de acções que serão tomadas contra as minas, e encorajar isto, e continuar a criar espaços de positividade, de felicidade com eventos agradáveis.

E penso que isto significa também cada um assegurar o equilíbrio na sua vida. Fazer as coisas como sendo um evento social divertido, tentar manter práticas de saúde mental, assegurar que tens espaço para ti enquanto tentas também de não exercer demasiado controlo sobre a luta. E para mim um dos grandes aspectos a encorajar é o de ter uma ligação geracional, apoiar os jovens que estão prontos para ser mais agressivos e lutar contra estas coisas, assegurar que as pessoas não se separam por efeito de diferentes tipos de propaganda psicológica e até estratégias repressivas, ou estratégias contra-insurreccionais.

Mas sim, é criando espaços de amparo, com ideias e práticas para manter a saúde mental, e permanecermos fortes, assegurar que o fígado está são e a funcionar correctamente, e isto vai nessa direcção profunda do tipo de saúde, vem de diferentes epistemologias, de como nos podemos relacionar com a terra...

VII

A defesa do ambiente é levada a cabo em primeiro lugar pelas gentes directamente afectadas por um determinado projecto. Mas quando vários projectos se juntam, ou estão relacionados, como aqui no norte de Portugal, como defender continuamente, em solidariedade e da maneira igual todos os lugares?

Não existe a hipótese de que certos projetos avancem e que os movimentos não tenham a capacidade de resposta, e por conseguinte se dessolidarizem?

Quero dizer primeiro que um dos grandes mitos sobre tudo isto é de que não afecta toda a gente, porque afecta... Haverá apenas algumas áreas mais afectadas do que outras. As pessoas a jusante do rio terão diversos problemas, por exemplo a poluição do fornecimento de água; haverá diferentes tipos de poeiras no ar. O facto é de que todo o tipo de mina a larga escala ou tipo de desastre industrial ou social terá sempre efeitos ondulares em vários sítios através do mundo. Os impactos das minas são ondulares e é apenas a diferença de como se espalha através do mundo, mas também no país e na nossa região, entre localidades... é apenas uma questão de intensidade onde as pessoas são mais afectadas.

É esta ideia de violência lenta, de acumulação e crescimento de diferentes projectos industriais, de diferentes poluições que levam a uma forma progressiva de degradação dos genes, da mentalidade, conduzindo a diferentes doenças... Obviamente provar algumas destas coisas é um assunto muito contestado em termos das mudanças a longo prazo, em termos do que está a acontecer ao corpo, à saúde e ao impacto geracional, provocado pelo desenvolvimento industrial, no qual a mineração está no centro. É uma grande questão esta da violência lenta, que é sistémica, que muitas pessoas não conseguem ver ou que é difícil de ver para muitas pessoas, e que está relacionada com a falta de sensibilidade ou falta de ligação ao lugar onde se vive. Isto chama a atenção sobre o que é realmente importante para as pessoas e suas vidas, sobre a troca dos seus habitats por empregos ou televisões ou a integração numa sociedade computacional que é extremamente capitalista e se baseia nalgum tipo de recompensa de curto prazo à custa da degradação ecológica.

Existem por isso questões sociais profundas sobre os níveis de violência que têm sido normalizados e como denunciar e enfraquecer esses níveis de violência para que as pessoas possam aprender a sentir de novo e cuidar dos rios, das montanhas e das árvores, e realmente entender como somos parte deles. Em vez disso há uma espécie de impulso suicida próprio das pessoas que ignoram esta realidade, separadas através do trabalho, da vida e dos filhos, e realmente só tentam sobreviver. É necessário reconhecer que todos são afectados por estas coisas de alguma forma, e que há uma consequência geracional desses impactos que se vêm acumulando uns sobre os outros desde a era colonial, desde o tempo das civilizações antigas. É um *continuum*...

Eles vão continuar a tomar terreno, mais minas, mais extracção de recursos naturais. Houve uma intensificação doida que tenta literalmente agarrar qualquer coisa que é comercializável, para o projecto capitalista, mas também para desenvolvimento tecnológico e para o controlo; é o tema do estado-capital, controlo e lucro...

Penso nestas lutas reflectindo sobre os manuais militares e na sua imporância para entender o que a polícia e o exército fazem, e também nos livros de ciência política para entender o tipo de técnicas de diplomacia manipulativa que estão a ser usadas para dividir as pessoas. A maioria das lutas ou guerras são 90% psicológicas. Com isto quero sublinhar que a estratégia é desmoralizar as pessoas, entrar nas suas cabeças para desmotivá-las, dividi-las, faze-las pensar que é inútil resistir; e não resistirem, e ficarem desapontadas com os seus esforços. Então se um território ou parte de um território for perdido, não se trata de desmoralizar mas de aprender e fazer o melhor que podes, divertir-te, e o mais importante manter-se positivo, e mais que isso, decidido. Estar decidido sobre as tuas posições nestas lutas, sobre o que importa para ti. Se tens um compromisso para com os rios, se tens um compromisso para com as árvores, se tens um compromisso para com as montanhas, e para com os teus amigos e família e gatos, e outros animais... então estás a enraizar estas lutas em ti mesmo, estás a fazer estas coisas para ti mesmo e para aqueles com que te preocupas, e para as criaturas à tua volta.

Ao fim ao cabo, é sobre como não desmoralizar. É sobre como continuar. É sobre tomar prazer em destruir estas coisas que estão a destruir tudo com o que te preocupas.

É muito trabalho político árduo: há o stress, muitas conversas merdosas, muitas confrontações. São muitas destas coisas, mas é também sobre como conseguirmos encontrar alegria na luta, como encontrarmos maneiras divertidas de parar projectos de mineração, em minar o tipo de manobras horríveis que estão a ser usadas para comprar e vender a mente das pessoas. Podes ficar deprimido, mas também pode ser divertido. Também nos ri-mos em muitas situações. Muitas vezes somos confrontados com escolhas onde temos ou de rir ou chorar. É melhor rir-se. É melhor conseguir uma nova estratégia para fazer deste teatro alguma coisa mais divertida, mais entretida no interesse de realmente parar estes projectos, mas não é coisa fácil: é uma prática de composição da vida.



Ao fim ao cabo, é sobre como não desmoralizar. É sobre como continuar. É sobre tomar prazer em destruir estas coisas que estão a destruir tudo com o que te preocupas.

Alexander Dunlap é um pesquisador de pós-doutoramento da Universidade de Oslo que tem desenvolvido estudos na área da antropologia, geografia e ecologia política, com especial enfoque na energia "verde" e na industrialização das renováveis. Tem acompanhado lutas de resistência de projectos extractivistas na Europa e na América Latina, entre outros, o conflito da energia eólica em Oaxaca no México, a mina de carvão de Hambach na Alemanha, ou a mina de cobre Tia Maria no Peru. Passou por Portugal em Dezembro passado e visitou algumas zonas onde estão previstos projectos mineiros. Conversou in situ com várias pessoas envolvidas na luta contra esta ameaça que se materializa, incluindo numa conversa organizada no espaço Maldatesta, no Porto.

Esta entrevista foi realizada através da web e as questões foram colocadas principalmente por residentes das zonas afectadas da Serra d'Arga e do Barroso, e do Porto. Versão resumida e adaptada.

Versão completa estará disponível em breve em



Minas Não
agenda virtual da luta contra a mineração na península ibérica

minanao.noblogs.org
2021